João Guimarães Rosa e as veredas da palavra

Jean Pierre Chauvin
Especial para *Mundo*

Lançado em 1956, livro que narra as aventuras do fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo é um grande clássico da literatura brasileira e mundial

Grande Sertão: Veredas é um desses raros livros em que a extensão, quanto ao número de páginas, não dá conta de tudo aquilo que nele cabe ou poderia caber. Publicado em 1956, esse notável romance de João Guimarães Rosa é considerado, com justiça, uma das obras mais surpreendentes e originais de nossa literatura.

Narrado em primeira pessoa pelo fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo, trata-se de uma sucessão de episódios impressionantes que ecoam a rotina da vida no campo, em paralelo com as grandes jornadas pelo sertão de Minas Gerais, em meio a ditos proverbiais, contação de histórias pelos caboclos e agudas reflexões do narrador.

Sob esse aspecto, vale dizer que a linguagem cumpre papel essencial na armação do enredo e condução da história, concedendo ao leitor um papel imprevisto: cultivar a experiência vertiginosa por entre as linhas, sabores e imagens sugeridos pelas cenas que povoam o romance.

É que o leitor está às voltas com as sutilezas, no pensar e no agir, de personagens enérgicas e cativantes, habituadas aos desmandos de um mundo rude. A poderosa voz que narra é a de um sujeito de modos simples, o que não o impede de dar um contorno épico aos eventos que testemunha e de que toma parte.

Por exemplo, Riobaldo reproduz minuciosamente os diálogos absolutamente tensos da gente gabaritada do sertão. Certa feita, o líder Zé Bebelo é capturado pelo bando inimigo, mas nem por isso deixa se intimidar. Ele parece ter nascido homem-feito, valente e comandante: "Sei não ser terceiro, nem segundo."

Repare-se que a lentidão com que os chefes conduzem o julgamento de Bebelo não tem por função abrandar o impacto de sua ação. Antes, o modo arrastado de andar, reforçado pelas pausas a mensurar o alcance do que dizem, convertem o próprio leitor em uma espécie de refém da narrativa: sedento por descobrir a palavra final, a sentença exata.

Na fala sem parada desse narrador, retroalimentada pela memória e pela sabedoria, fundem-se regionalismo e erudição; descrevem-se homens, veredas e buritizais; argumenta-se, a fundo, sobre as ações, maiores ou menores, daqueles que compartilham a sina, a reza, a amizade, o amor e o ardor das batalhas.

O romance resgata e recria determinados eventos sob a ótica de um homem endurecido pelos feitos, para quem a palavra, embora abundante, diz mal e pouco sobre o muito que ele viu e viveu. Por isso, esse sujeito que nos chama de "senhor", recomendando extremo cuidado ao interpretarmos o que ele sente, narra e pensa ("O senhor mire veja"), transitou por entre a água, a terra e o mato, na severa escalada de jagunço a chefe de bando, ora agastado, ora recompensado pelas aventuras que o acompanharam por largas dimensões de tempo e espaço.

Às duras pelejas com homens-carapaça – seja no corpo a corpo, seja por meio de faca, bala ou fuzil – soma-se a difícil luta do jagunço com a própria fala, em particular quando se vê diante da eloquência alheia, quase sempre na boca dos grandes chefes. Seja na arena de combate, seja na trama da linguagem, volta e meia incertas atitudes contradizem a ética peculiar do sertanejo.

Mas em *Grande Sertão*: Veredas há outras margens a desbravar, para além do mundo estável, justo e ordenado em que supomos viver. Não bastasse a constituição do indivíduo em meio à luta, à terra e à façanha, o jagunço alterna a força (que adquire, mantém e redobra) com o legítimo encalço em torno de metafísicas que lhe permitam conceber melhor sua sorte e norte.

Riobaldo reza muito, em sinal de humildade, mas também como forma de enfrentar a persistente lembrança do amor extraordinário que o acompanhou feito sombra, coisa do "demo", do "coisa ruim", "O o": assombração. O leitor mire veja, percorrer as páginas desse romance é covalidar a perspectiva de seu protagonista de que "o sertão é o mundo".

Quer dizer, *Grande Sertão*: Veredas é material encantatório, capaz de transformar aquele que lê, pois lhe empresta um modo mais rente de conceber as coisas, especialmente aquelas que teimam em nos ocupar em demasia. Digamos que nossa confortável condição de leitor racional, urbano e civilizado avança de modo tortuoso, como se nossa leitura ganhasse uma qualidade análoga à evolução do próprio narrador.

Riobaldo, senhor da narrativa, finge restituir a nós a suposta primazia da melhor palavra ou da astúcia; da fé ou do gesto sublime, grandiloquente. É sugestivo que ele principe sua rememoração como a subestimar os sinais convencionais do diálogo. O travessão é elemento único, primordial – porque a sua fala ininterrupta escorre, discorre: simbólica e literal que é.

Seu discurso proporciona um sem número de questões extraordinárias. Uma delas diz respeito à posição instável ocupada por nós, interlocutores pressupostos na fala (aparentemente solta e sem medida) do narrador. Outra se refere às numerosas veredas propiciadas pelo emprego da palavra: antiga, gasta, nova, neológica e sábia.

O enredo é permeado pela ambivalência de atos, pensamentos e afetos, como mostra a recusa inicial por parte de Riobaldo em assumir funções de chefia. A narrativa traduz os muitos dilemas desse homem, cujo ápice está no pacto que julga estabelecer com o demo. Esse episódio, o mais sinistro do romance, acontece à meia-noite numa encruzilhada – lugar assombrado pelo encontro das veredas chamadas mortas.

A leitura desse romance constitui uma vivência irrepetível. Experiência extraordinária capaz de nos situar para além da vida em bege e cinza que levamos, diante da fantástica jornada, no rumo sem volta que induz ao embate do leitor consigo mesmo. É uma autêntica encruzilhada verbo-visual calcada na sobreposição de cor, aroma e tato. Sim, porque a epopeia de Guimarães Rosa concilia a sonoridade áspera, seca e ruidosa da palavra com a materialidade bruta dos eventos.

O leitor atente para o fato de que não se trata de fala exagerada, nem manifestação de arrogância. O *Grande Sertão* de Guimarães Rosa desfavorece uma visão estanque das pessoas e coisas. Aqui, a palavra recriada tem acepção ampliada. O costumeiro apego ao certo ou errado, ao bem ou mal, ao belo ou feio são sacudidos para além das trilhas que o leitor porventura esteja habituado a percorrer.

Acima de tudo, Riobaldo reafirma seus débitos para com os homens que mais o ensinaram no proceder. À medida que o narrador relembra a convivência com Zé Bebelo – que foi seu aluno, chefe e amigo – ele refina o seu pensar. É da perspectiva de sua velhice, feito rio volumoso, que Riobaldo retoma os valorosos conselhos do líder engenhoso: "Quando se curte raiva de alguém, é a mesma coisa que autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a ideia e o sentir da gente."

Eis outro mérito do astucioso narrador, a campear poderes inclusive sobre o registro escrito, ao barganhar o seu relato perante o senhor leitor. O exercício da leitura, afinal, é o único ato cuja primazia ele nos concede. Ainda assim, trata-se de um território parcial, já que é por intermédio de sua fala que julgamos aprimorar nosso parco conhecimento sobre a geografia e o estatuto das personagens.

Diante de *Grande Sertão*: Veredas, nossa tarefa só se completa mediante a autorização prévia de Riobaldo, a negacear o que ele reconstitui, num misto de memória, poder, amor e arma. Os ditos e subentendidos do narrador, elaborados no redemoinho de suas digressões, ilustram o planejamento de um discurso oscilante.

Provavelmente isso aconteça porque esse jagunço-narrador também aprende a chefiar o dito e o fato. Quanto mais envolvido com as artes do mando, menos tolerará falhas no proceder próprio e alheio. Dividido nas emoções, mas preciso no comandar, a fala de Riobaldo se aprimora, feito os tiros certeiros que mira em árvores, gente ou bando.

O romance traduz a habilidosa arte de contar de um sujeito de muitas faces, o que também explica sua maneira arcaizante e inovadora de falar. Por vezes, a palavra do narrador soa involuntariamente rebuscada. Não nos enganemos: a sua fala nasce da trama composta de ideias próprias e palavras colhidas em outras vozes. É por isso que Riobaldo quase sempre adivinha o pouco a mais que teríamos a dizer. "Nonada."

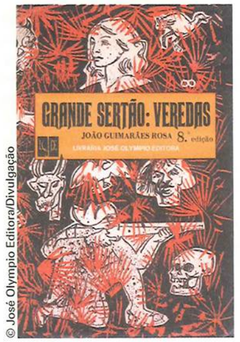
Neste processo metalinguístico de hierarquização, fica evidente que o que tem importância para o narrador não são os fatos, mas as determinantes dos fatos e suas consequências, a causa e o efeito. E é em função desta perspectiva que eles se apresentam. Como essa linha se mostra sinuosa, os fatos se disporão ao longo dos seus meandros, descrevendo nessa primeira parte uma narrativa em ziguezague, de que o narrador, todavia, tem plena consciência, pois "O senhor sabe?: Não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é."
[José Carlos Garbuglio, 1972]

Grande parte do livro se estrutura em duas linhas paralelas: a objetiva, de combates e andanças – criadoras da personalidade do jagunço que termina chefe de bando – e a subjetiva, marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico, oscilando entre Deus e o Diabo.

Um jagunço retirado das lutas, quase aviltado em barraqueiro do São Francisco, narra sua vida de aventuras e, mais que a movimentação de idas e vindas sertão abaixo, sertão acima, a secular pendência entre o espírito do Bem e o do Mal.

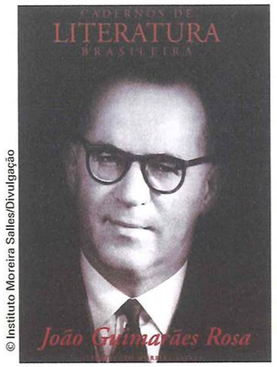
De suas perplexidades momentâneas, de suas crises de depressão e exaltação, comparáveis à maleita que o vai curar no fim, de sua permanente preocupação em saber até onde somos criaturas de Deus ou escravos do demo, configura-se um mundo instável, em que só Deus é estático.
[Manuel Cavalcanti Proença, 1959]

A parte mais interessante da conversa com Rosa foi que, conversando sobre a prosa brasileira daquele tempo – isso era por volta de 1963, 1964 – ele dizia uma coisa com a qual eu concordava, e concordava não só naquele tempo, como concordo ainda mais hoje. Ele dizia que a prosa de ficção brasileira era muito frouxa. Eu achei muito engraçado isso e falei: "O que quer dizer frouxa?" Ele: "Quer dizer uma coisa assim... uma prosa muito boca mole, uma prosa que não tem caráter. Eu gosto mais de uma pedra pedregosa, de uma prosa pedregosa e a prosa brasileira é muito frouxa, é flácida, quase metade de toda e qualquer prosa escrita no Brasil é feita de vogais."
[Décio Pignatari, 2011]



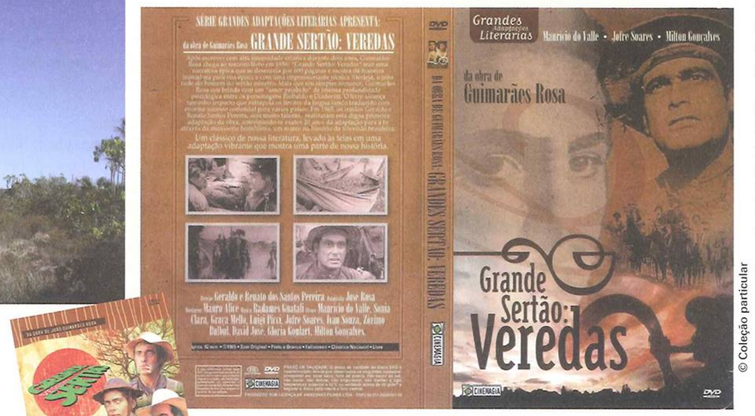
© José Olympio Editora/Divulgação

© Vitor 1234/GNUFDL



© Instituto Moreira Salles/Divulgação

Por meio da linguagem, João Guimarães Rosa recriou uma Zona da Mata que, situada em Minas Gerais, encontra-se em todos os lugares, mas que, ao mesmo tempo, não se encontra em lugar algum; para fazê-lo ao construir o mundo de Riobaldo, Rosa também reinventou o idioma português



© Coleção particular

© Divulgação

"Nonada", lê-se, e a cena se abre como um teatro impossível de teatro: nela, não há designação de coisa alguma, a partir de um sentido próprio, nem metaforização, a partir de um sentido figurado – marca-se, na operação, o movimento de um ato, que não tem sua razão de ser no que o antecede. O narrador, que já está presente, e que não se sabe ainda quem seja, nem onde esteja, ou quando fale, instala-se o cavaleiro de seu verbo, que sofre e produz um efeito de neutralização de tudo quanto pudesse designar e significar, previamente.
[João Adolfo Hansen, 2000]

Essa estrutura de labirinto acompanha o vaivém de uma conversa descosida, espaçada, posto que a narração de Riobaldo, um puro reconto articulado sob o ritmo de impostação oral, faz-se diante de um outro, que o escuta – de uma segunda pessoa presente a cada volta do labirinto, e que, embora não tome a palavra, marca a sua interferência silenciosa e descontínua, mediante perguntas subentendidas sobre os incidentes da aventura relatada, pausas dentro de um diálogo ao qual se deve o prosseguimento sinuoso, de interrupção a interrupção, da história (olhe... senhor pergunte... o senhor vê... explico ao senhor... o senhor ouvia... eu lhe dizia... tanto, digo... bom, ia falando... o senhor mire veja... minto...).
[Benedito Nunes, 2013]

Jean Pierre Chauvin é professor de Cultura e Literatura Brasileira no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Autor de *O poder pelo avesso na literatura brasileira* (2013).
E-mail: tupiano@usp.br